

# **MIGNONE**

**a música de filme**



No *Panorama do Cinema Brasileiro*, produção do INC, a parte antológica dos filmes mudos foi acrescida de uma trilha sonora tirada do repertório musical que na época acompanhava a exibição das fitas. É a própria atmosfera das velhas salas de projeção que ressurgiu, conferindo assim ao documentário um alto grau de autenticidade retrospectiva. E a autenticidade é ainda maior pelo fato da parte musical ter sido entregue a uma figura que viveu nesse ambiente e por profissão completava ao piano o que se passava na tela. Francisco Mignone, de há muito uma das mais importantes personalidades da música nas Américas, teve, adolescente ainda, a vivência de músico de cinema mudo, e é esse começo humilde de sua atividade que hoje, mestre consagrado, ele põe a serviço da cinematografia brasileira.

A consagração de Mignone na arte musical do Continente apresenta etapas definidas, assinalando a presença de uma vigorosa veia criadora. De origem italiana, tendo feito estudos em Milão, o compositor paulista naturalmente se sentiria envolvido pela exuberância melódica e a clareza harmônica de sua ancestralidade mediterrânea. Todo esse fundo atávico, no entanto, trouxe ele para o centro inspirador do nacionalismo, assumindo em nossa música uma posição relevante e complexa. Chega a ser apontado como um notável exemplo do artista condicionado pelo tempo e pelo meio. Pois ainda que exista em sua bagagem de compositor uma acentuada fecundidade numérica de obras estrangeiras, foi o eco de nossos cantares nativistas que o empolgou para a realização de fortes imagens nacionais como as dos "Quadros Amazônicos". Ou ainda o "Maracatu de Chico Rei", de apelos bárbaramente dionisíacos, ou a célebre "Congada", ilustrativa de um admirável "afro-brasileirismo" musical.

Regente, compositor de sólida mestria na matéria orquestral, sinfonista, camarista, autor de óperas e bailados, Mignone é também virtuose do piano, estando as saborosas "Valsas de Esquinas" definitivamente incorporadas ao escol de nossa literatura do instrumento.

Tôda essa produção diversificada ao longo de uma existência fecunda, traz, com algumas incursões pelo universalismo musical, uma presença acentuada, viva, de cores nacionais. Ao completar 70 anos, encerrando um produtivo labor pedagógico como catedrático de regência na Escola Nacional de Música, o mestre paulista não se entrega ao repouso das vitórias. Avança nas conquistas do idioma musical contemporâneo, revelando nesse terreno o mesmo ímpeto criador, a mesma técnica poderosa na manipulação de novas mensagens expressivas. São sonatas para fagotes, para violino e piano, piano solo, quartetos de cordas que estão a tes-

temunhar a juventude perene de Francisco Mignone, ratificando a rica complexidade de seu perfil de artista.

Música para cinema, eis um terreno praticamente inexplorado por nossos compositores eruditos. Enquanto lá fora, desde o pioneirismo de Pizzetti (*Cabiria*), Erik Satie (*Entr'Acte*), o acompanhamento musical de filmes é um campo de enormes possibilidades de arte, quase a totalidade dos autores brasileiros tem permanecido indiferente ao gênero. Um Prokofieff, um Honegger, Britten, sem falarmos de Georges Auric, Copland, Korngold, criaram páginas de indiscutível complementação estética a obras cinematográficas. Francisco Mignone é bem uma exceção nacional, não esquecendo Villa-Lôbos em *Descobrimento do Brasil*, antes uma peça autônoma e integrada nos pressupostos da música para o cinema. Aliás, era um desejo do mestre Villa compor para desenhos animados, o que jamais se concretizou.

Mignone tem escrito para filmes e este é mais um motivo que justifica sua participação no *Panorama do Cinema Brasileiro*. Sua experiência não é apenas aquela da adolescência nas pequenas orquestras das velhas casas de projeção. Mas acerca dessa vivência com o mundo do cinema ele próprio nos conta em entrevista realizada logo após a gravação do documentário citado.

#### SILENCIOSO

"Aos 13 anos eu já tocava em pequenas orquestras de cinema mudo e lembro-me muito bem das vaias do público se por acaso ocorresse uma interrupção da música. Como se sabe, a nossa participação visava complementar o que se passava na tela, porém várias vezes havia um desencontro entre a imagem e o acompanhamento musical e lá estávamos a tocar um trecho alegre numa cena trágica e vice-versa. Para evitar esse inconveniente colocava-se um pianista improvisando durante a exibição do filme. E assim, inúmeras vezes eu atuava ao piano, tanto que no *Panorama* repeti o que fiz nesses meus tempos de adolescente em São Paulo. Luiz Peixoto aqui no Rio de Janeiro, em certa época do cinema mudo teve a idéia de pôr uma vitrola tocando gravações de Debussy, o que também aproveitei para incluir na trilha sonora do documentário o "Arabesque n.º 1" do mestre impressionista. Quanto ao repertório executado durante as sessões incluíamos a mais significativa produção popular da época, aproveitando temas de Ernesto Nazareth, Eduardo Souto e Chico Bororó" (pseudônimo do próprio Francisco Mignone).

Conclusão a que chegou Mignone, quanto à música para cinema ao longo de sua experiência no gênero:

"Não passa de uma arte decorativa e anticonvencional. Acredito que a eletrônica quando aplicada ao cinema virá enriquecer tôda a produção de filmes."

#### PAINEL

Francisco Mignone foi o responsável pela partitura de *Painel*, curta-metragem de Lima Barreto sobre uma obra de Portinari.

"Confesso que foi com certa relutância que acedi em trabalhar com Lima Barreto. Reconheço nêde qualidades incomuns, as quais podem enveredar pelo terreno do acaso. Tem achados surpreendentes, mas não imprime a necessária ordem a seus trabalhos. Mas com acertos, adquiriu fama e prestígio. O *Cangaceiro*, por exemplo, é um filme de grandes méritos e quase precursor de uma técnica cinematográfica bem brasileira.

Em *Painel*, confesso que fracasei. Pois havendo convivido com Portinari tinha dêste uma visão inteiramente diversa daquela de Lima Barreto. Foi nessa situação conflitiva que escrevi a música. Esta, segundo a concepção do diretor do filme, teria de ser fácil, popular, agradável e eu, muito ao contrário, pensava num Portinari eclético, acadêmico, brasileiro, cheio de força interior e dotado de concepções ousadas e avançadas. Por esta razão eu e Lima Barreto não mais trabalhamos juntos."

#### LONGA-METRAGEM

*Sinhá-Moça* e *Caiçara* tiveram partituras de Mignone: "Também para êstes filmes eu parti do pressuposto de fazer boa música e destinada a ser ouvida. Mas a técnica embrionária dos que dirigiam a Vera Cruz deitou meu trabalho a perder. Daí ter chegado à conclusão de que os nossos cineastas não sabem o que querem musicalmente: acham que qualquer coisa serve desde que consigam colocar música num filme, seja esta ouvida ou não. Um único filme para o qual escrevi com prazer (e a obra foi ouvida) é *Sob o Céu da Bahia*. Infelizmente, apesar das cores e panoramas, o filme fracassou. Aliás, durante uma projeção de *Caiçara*, quando o assistia antes de compor a música, Alberto Cavalcanti volta e meia me perguntava: o senhor acha que aqui precisa música? E chegou a me dizer que, em sua opinião, o ideal era fazer cinema sem música. Apenas com ruídos. Que magnífico incentivo para um compositor..."

Quanto ao *Panorama do Cinema Brasileiro*, Mignone declarou que "a qualidade da equipe responsável pela idéia e pela montagem do documentário foi o que mais me facilitou o trabalho. A minha confiança nesta equipe foi plena, total. Tanto que nem pedi um contrato de garantia do meu trabalho".